

Apresentação da Seção Especial

É com sentimentos múltiplos que apresentamos ao leitorado da Revista Gestão & Conexões os resultados da chamada especial “Relações organização-natureza no Antropoceno: ‘Nossa casa está pegando fogo!’ – e o que temos a fazer?”. Se, por um lado, manifestamos satisfação com o retorno que recebemos, importante movimento para agregar pesquisadoras e pesquisadores que compartilham preocupações e interesses, por outro, sentimos imenso pesar de publicar uma edição em cuja chamada (lançada em janeiro de 2020) discutíamos nossa letargia enquanto área do conhecimento para reconhecermos a responsabilidade das organizações nos impactos de dimensões planetárias, publicação esta que ocorre no meio da grande crise sanitária que certamente marcará o século XXI.

Por ocasião da chamada, fizemos menção à construção do mundo organizado moderno sobre “carnes e ossos”, cuja eficiência amparou-se nas tecnologias de morte e de guerra desenvolvidas no século passado. Vivendo em um mundo pandêmico, vemos o imenso destaque aos discursos sacrificiais em nome da economia, da eficiência, da produtividade. Trata-se do mesmo substrato que embasa a crença e a defesa da gestão como técnica, completamente descolada de agendas éticas e políticas, substrato esse que marca o imaginário de sociedades capitalistas.

Esta edição especial reitera a concretude e urgência do alerta “nossa casa está pegando fogo!”, reverberado por importantes vozes do movimento ambientalista, como Gretha Tunberg e Naomi Klein. Fizemos e reiteramos o convite a pensar limites e fragilidades dos modos de desenvolvimento capitalista que, por meio de práticas organizacionais, vêm produzindo interações com modos de existência em nosso planeta que resultam em catástrofes ambientais, desequilíbrios de ecossistemas e crises de diferentes naturezas, como a própria pandemia de Covid-19, que emerge inegavelmente de relações mediadas por processos organizativos. E nossos múltiplos interesses atrelados a tais temáticas vêm convergindo para o termo Antropoceno, que ainda que seja um fato científico novo, mais ainda para nossa área, reúne não apenas discussões e questionamentos dos paradigmas modernos, mas também a busca por novas lentes e propostas para pensar o futuro.

Para a presente edição, apresentamos seis artigos que, em seus diferentes recortes, atendem ao apelo da chamada para a reflexão sobre como o entendimento de que o progresso, a eficiência, a eficácia são elementos atrelados à nossa capacidade de dominar, controlar (e, por vezes, exterminar) aquilo que entendemos como natureza.

Abrimos a edição com o trabalho **Antropoceno: o campo de pesquisas e as controvérsias sobre a Era da Humanidade**, de Valderí Alcântara, Érica Yamamoto, André Garcia e Alyce Campos. Trata-se de uma análise bibliométrica sobre o campo dos estudos sobre o Antropoceno, caracterizado como uma controvérsia científica contemporânea. Os achados refletem um aumento exponencial das publicações sobre o tema a partir de 2010, uma concentração do debate em determinados países, bem um caráter inter e multidisciplinar das publicações, em que as chamadas ciências naturais cedem cada vez mais lugar a autores das ditas humanidades.

Em seguida, no artigo **Antropoceno e organizações: reflexões sobre governança ambiental em Unidades de Conservação**, os autores Gustavo Matarazzo e Gilberto Sales discutem a produção do Antropoceno no campo das organizações. Para tal, estudam as Unidades de Conservação Ambiental, recuperando a trajetória do conceito de Governança Ambiental, analisando características organizacionais para então apresentarem tensões epistêmico-ontológicas que circundam os conceitos operacionalizados. Na busca por explorar experiências locais sem capturá-las por meio de narrativas que sustentem uma espécie de neocolonialismo ontológico, os autores discutem o Antropoceno como desafio cosmopolítico organizacional.

O terceiro manuscrito, intitulado **O que o Antropoceno tem a aprender com o Decrescimento Convivial? O campo ambiental diante dos imperativos da modernidade**, é de autoria de Nilo Coradini de Freitas, Lucas Casagrande e Fábio Meira. O artigo discute o conhecimento produzido no campo científico do meio ambiente, identificando chaves discursivas em disputa, entre elas a que embasa a própria noção de Antropoceno. A análise realizada busca construir uma aproximação com a proposta do Decrescimento Convivial para aumentar o potencial crítico do Antropoceno, que ainda se encontra sob influência do ideário moderno.

O artigo **Impactos da construção da hidrelétrica de Belo Monte na teia da vida: uma análise sob a perspectiva da ecologia-mundo**, de Josiane Rowiechi e Fábio Coltro, é fruto de uma análise da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, pela perspectiva da ecologia-mundo. Os autores discutem as configurações funcionais, políticas ambientais e impactos relacionados às grandes obras de infraestrutura. Ao final, apontam que condicionantes impostas pelo Estado promoveram a mitigação de consequências irreversíveis da obra.

Em **“Conversa para boi dormir?”: Como as demandas da sociedade por consideração moral aos animais não-humanos afetam as estratégias da indústria da carne e do leite**, Tiago Barreto, Marcos Feitosa e Bárbara Bastos analisam as estratégias de comunicação das maiores marcas da indústria da carne e do leite a partir do conceito de *Dark Side* das organizações. Os autores refletem que o campo de estudos sobre o *Dark Side* deveria incluir o tratamento dado aos animais não-humanos, algo não visto atualmente.

Já o artigo **Natureza barata e desigualdade hidrossocial no Capitaloceno**, de Benilson Borinelli, Fábio Coltro, Josiane Rowiechi e Kauana Rosa propõe a noção de desigualdade hidrossocial como uma leitura alternativa da desigual apropriação física, discursiva e política da água sob a lógica capitalista. Os autores recorrem às reflexões sobre o Capitaloceno, em particular às ideias de Ecologia Mundo Capitalista e de Natureza Barata, e do ciclo hidrossocial, para concluir que a noção de desigualdade hidrossocial permite atualizar e ampliar o marco analítico da crise hídrica.

Esses seis textos que alcançaram os rigores da publicação na revista *Gestão & Conexões* chegam agora ao público, enquanto a crise da Covid-19 alcança seu momento mais agudo em nosso país. Nossas menções à pandemia poderão soar datadas aos leitores no futuro, mas, agora, não podemos ignorar que nossa vivência do processo editorial foi coeva à escalada da doença pelo mundo, com seus profundos efeitos sobre os sistemas de saúde, economias e políticas contemporâneas. Por outro lado, neste futuro a que nos referimos, possivelmente, serão mais claros os efeitos da pandemia sobre as ecologias humanas. Antropoceno e pandemia se conectam em muitos pontos e, ainda que a temporalidade deste número temático não tenha permitido provocar a reflexão sobre tal questão, a emergência da pandemia está relacionada a alguns dos temas abordados pelos artigos agora publicados, tais como as estratégias do capital para externalizar os custos sociais, ambientais, morais, políticos e – como sabemos agora – sanitários da destruição da Natureza.



Agradecemos a todas e todos que submeteram seus manuscritos à chamada, bem como pareceristas que contribuíram com preciosas avaliações e sugestões. Relembramos que, quando os primeiros textos submetidos entravam no sistema editorial da revista, o mundo parou por causa das tentativas incipientes de conter o avanço das infecções. Meses depois, avaliadoras e avaliadores foram mobilizados por nós para contribuir com o empreendimento coletivo de fazer ciência, a despeito das suas limitações pessoais diante do rompimento da normalidade do cotidiano e, principalmente, apesar dos ataques que os cientistas e a ciência vêm sofrendo, não apenas, mas especialmente no Brasil. No espaço de um ano conturbado, ressaltamos o esforço das autoras e autores que atenderam à chamada sob nossa coordenação e se dedicaram ao processo de revisões e aprimoramento dos manuscritos. À altura do lançamento da chamada, não podíamos imaginar – embora governos e organizações políticas pudessem antever – as dificuldades que enfrentaríamos nos meses seguintes e que, sem dúvida, repercutiram no trabalho acadêmico.

Finalmente, agradecemos o espaço concedido pela REGEC para a publicação dos artigos e desejamos às leitoras e leitores boas reflexões a partir dos textos.

Letícia Fantinel
Marina Figueiredo
Fábio Marquesan
Editores convidados